

Resgate histórico do semanário Desafio

Luan Gabriel Alves de Oliveira ¹
Pâmela de Oliveira Silva ²
Paulo Victor França Gomes ³
William Duarte Ferreira ⁴
José Régis Barros Cavalcante ⁵

RESUMO

O semanário Desafio circulou no estado de Alagoas a partir de 1977 e foi inspirado em outros casos de sucesso no formato, como o nacional Pasquim. Pensado como um passatempo pelos envolvidos em sua criação, o jornal teve uma ótima recepção do público – atingindo tiragens de até cinco mil exemplares, impressionantes para local e contexto. Também influenciou fortemente no formato do jornalismo alagoano, até então inerte, gerando uma demanda por matérias mais críticas. Alguns dos envolvidos são considerados hoje parte da geração mais importante de profissionais da mídia no estado. O trabalho consiste de um resgate histórico desse semanário, que conta com material escasso ou nulo na academia e em outras formas de acesso a informação. Foram feitas entrevistas e consultas a acervos para recriar um retrato desse que foi talvez o maior fenômeno do jornalismo alagoano.

Palavras-chave: Desafio, história, jornalismo, semanário, Alagoas.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi embasada por semanas de pesquisa em arquivo, entrevistas e coleta de informações de diferentes fontes. A escassez de materiais a respeito do semanário, fora da memória daqueles que a viveram, é notável. Os arquivos disponibilizados são, também, tímidos em relação aos registros documentais que existem de outros jornais alagoanos – como a Gazeta de Alagoas. Contudo, a equipe obteve sucesso em coletar alguns dados considerados até então inéditos a respeito da revista – e um olhar mais intimista do que já foi dado até então.

O descaso com a memória jornalística alagoana é de motivar indignação, como bem coloca PEREIRA (2001):

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, luangabriel1122@outlook.com;

² Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pameladeolvr@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, paulo1222@hotmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, willduarte12@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Professor Titular, Universidade Federal de Alagoas- UFAL, regis2323@uol.com.br

Relíquias do passado estão agonizando silenciosamente nos museus de Maceió. A morte de peculiaridades mais cotidianas da história de Alagoas, contidas nos jornais e periódicos seculares, estão literalmente se desintegrando com a ação do tempo. Um processo de pulverização histórica endossada pela omissão do poder público. A amnésia jornalística é o mais novo fenômeno do enfraquecimento cultural de um estado que parece caminhar a passos largos para a aniquilação de um passado cada vez mais ofuscado.

É impressionante o pioneirismo embutido no Desafio: um jornal com abordagem muito próxima a do jornalismo literário criado por jornalistas em um Estado dos mais carentes do país – e ainda assim ser bem-sucedido. Alagoas, vale lembrar, era um estado extremamente perigoso para o exercício livre da profissão – assim como o Brasil todo no período que perdurou o regime civil-militar. O crime de mando motivou a criação de um tipo totalmente novo de tribunal no estado, e diversos casos de violência no interior e na capital se cruzaram com a história da revista. Mais detalhes sobre a cultura da violência no estado podem ser encontrados no trabalho de VASCONCELOS (2005).

Ademais, é importante também notar o serviço prestado pelo semanário ao estado no sentido de treinar o público de forma a criar uma demanda por um jornalismo investigativo incisivo – instância onde o jornalista passa a ser, de fato, um agente ativo na transformação dos hábitos de leitura do público.

METODOLOGIA

O trabalho foi embasado em pesquisas, principalmente no Arquivo Público de Alagoas (APA), onde os jornalistas responsáveis pelo semanário Desafio encaminhavam todas as edições do jornal assim que publicadas – sob o que um deles descreveu em entrevista como “responsabilidade histórica”. Outros acervos de Alagoas, como o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, casa da maior hemeroteca do estado, não possuíam nenhum exemplar no acervo. Vale notar, contudo, que mesmo os números presentes no APA não constituíam o total de exemplares da revista – apesar da alegação do entrevistado do envio de todos os exemplares.

Também foram procurados nomes de proeminência na revista, como Bernardino Souto Maior, um grande jornalista do estado. Em entrevista, o ex-repórter da Desafio deu detalhes discretos sobre o cotidiano da produção da revista, assim como grandes episódios e matérias

que marcaram o semanário e o estado. Tal depoimento foi de grande valor histórico, trazendo contatos diversos entre a história do semanário e a própria história de Alagoas.

DESENVOLVIMENTO

2.1 – Surgimento

O Pasquim foi uma das grandes inspirações para Desafio – em estilo e formato. Um dos membros fundadores do primeiro, Millôr Fernandes, certa vez afirmou que jornalismo é oposição e o resto é armazém de secos e molhados. O jornalismo alagoano sempre foi, em maior medida que seus pares, um grande armazém de secos e molhados. Com uma relação pacífica com o poder, o jornalista deixava de ser um verdadeiro agente de mudança na esfera pública.

Dêvis Melo, Freitas Neto, Artur Gondim, Valter Oliveira e Bernardino Souto sempre foram colegas – e decidiram que existia no estado uma demanda por um jornalismo crítico e investigativo, guiado pela imparcialidade. *Um jornal fundado por jornalistas*, diz a piada interna, *é um sonho que se vai na ressaca do dia seguinte*. O grupo alagoano, ao exemplo de seus pares cariocas, realizou o sonho – por pouco que tenha durado.

O semanário circulava às segundas – dia em que nenhum jornal local circulava. Ele geralmente estava pronto no sábado. O contrato de impressão foi firmado com a Imprensa Oficial Graciliano Ramos – então chamada Sergasa (Serviços Gráficos do Estado). Era o único parque de impressão do estado, e era comandado pelo Estado. Sua primeira edição saiu no dia 5 de dezembro de 1977, a capa era sobre as eleições locais.

Bernardino relata que era comum no início do jornal que as edições que saíam no sábado fossem repartidas entre ele e Freitas Neto e, na segunda feira, ambos saíam às ruas para vender os exemplares – que contavam com baixa adesão com as bancas de revistas, que não eram tão presentes à época como são hoje. Após um curto período de tempo, contudo, as revistas passaram a ser vendidas normalmente em bancas, e ambos abandonaram a prática.

A contracapa trazia uma citação de Joseph Pulitzer, onde a imprensa e seu papel eram exaltados.

2.2 – Estilo

Um dos traços predominantes do estilo do Desafio é sua firmeza. Não havia o medo de inserir palavras duras nos textos, como noticiar a construção de um novo hotel por Benedito Palmeira como algo questionavelmente caro e em tom jocoso. As entrevistas, atração quase onipresente, contam com perguntas provocativas e pertinentes – passando até mesmo pelo então possível-presidente Figueiredo, que foi interrogado até sobre o retorno do Partido Comunista e recebeu lições de democracia.

Algumas matérias vinham de jornais de circulação nacional, cujo os membros-fundadores do Desafio eram correspondentes – todas do tipo que eram descartadas pelo restante da imprensa alagoana por conter informações provocativas em demasia.

Divaldo Suruagy, controverso governador alagoano, era alvo constante do jornal. Uma das matérias relatava em detalhes de um almoço do governador com um membro eminente do Sindicato do Crime. Coronel Amaral, até hoje figura constante nos debates alagoanos sobre segurança pública, também já foi alvo de matérias do Desafio – e foi demitido pouco tempo depois.

2.3 – Estrutura

A publicação era estruturada em sete setores: *editor-chefe*, *editores adjuntos*, *publicidade*, *arte*, *redação*, *conselho diretor* e *diretor executivo*. O endereço da redação era na rua Barão de Alagoas, 276 – no Centro. Em duas salas cedidas de um escritório de advocacia por um parente de um dos membros do jornal.

O jornal era repleto de reportagens longas – seguindo o estilo *slow journalism* e, por vezes, com um pé no jornalismo literário. Elas ocupavam de uma a três páginas do jornal – que tinha formato similar ao de tabloide, mas notadamente reduzido.

Devido ao caráter informal da organização do jornal, o estruturamento não contava com grandes burocracias. Eram aceitas, constantemente, publicações de jornalistas de outros

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

veículos – que por vezes tinham suas matérias rejeitadas pelos seus empregadores por motivos políticos e afins.

Também havia a presença constante de charges, desenhadas por diversos nomes – alguns mais iminentes e populares que outros. Quase todas eram referências políticas, com ar crítico e jocoso para com autoridades diversas.

2.4 – Auge

Em seu auge, especula-se que a revista tenha conseguido bater a tiragem de 6000 exemplares⁶ – superando os números da Gazeta de Alagoas então. Os leitores esperavam avidamente a segunda-feira para comprar os exemplares e questionavam constantemente qual era o conteúdo da próxima edição.

Uma das principais mudanças na estrutura da revista foi o fim das colunas e a inclusão do *Miolo*, seção da revista de aproximadamente cinco páginas e que condensava pequenas notas de todos os membros da redação a respeito de diversos assuntos – de política à economia e entretenimento.

A seção de *Cartas do Leitor* também passa a se expandir gradativamente – nas primeiras edições, contavam com uma única pequena nota; passou a conter, após um período, uma carta completa e, eventualmente, diversas cartas de vários leitores do estado. Havia também espaço para denúncias de utilidade pública.

É importante registrar que, além da participação de jornalistas ilustres do estado e de artigos de outros veículos, a publicação contava também com a ajuda de importantes fotógrafos para a realização de suas matérias – entre eles Zé da Feira, premiado na área e que esteve presente na Secom 2017.

2.5 – Fim

⁶ Números baseados em depoimentos. A Imprensa Oficial Graciliano Ramos afirmou não guardar informações relativa às tiragens da antiga Sergasa.

Em todo o período que funcionou, o Desafio não recebeu nenhum processo judicial relativo às matérias que publicou – tampouco tentativas de intervenção em suas atividades por parte do Departamento de Ordem Política e Social ou qualquer órgão de repressão do regime militar. Contudo, o fim da revista foi – segundo seus ex-integrantes – motivado por censura.

Como citado anteriormente, o único parque gráfico do estado era a Sergasa, propriedade do estado. Os preços passaram a subir gradativamente e de forma considerada arbitrária. Os reajustes chegaram a tal ponto que se tornou insustentável a manutenção da publicação, e as tiragens tiveram que parar.

De acordo com ex-integrantes do semanário, pressões políticas de diversos personagens do estado que se sentiam prejudicados pelo jornal – que iam do governador Suruagy ao ex-secretário de segurança Coronel Amaral – levaram funcionários da Sergasa a anunciar reiterados anuncios no preço da impressão, com o intuito de prejudicar o lucro e, até mesmo, o funcionamento da publicação.

A data da última edição da publicação é desconhecida. Usando como parâmetro as edições constantes no Arquivo Público de Alagoas, a última edição saiu em 1978 – sem despedidas. Sabe-se que a Gazeta de Alagoas ou algum de seus membros possuem uma coleção com todas as edições cedidas por Bernardino para composição de um memorial à Freitas Neto, mas essas nunca vieram à público ou voltaram ao dono.⁷

Poucas semanas após o fim do semanário, surge o jornal Extra, com formato e linguagem similar ao do Desafio. O jornalismo alagoano, pode-se dizer, jamais foi o mesmo. O público, acostumado com a linguagem incisiva e as investigações minuciosas do semanário, não iria mais aceitar tão facilmente o velho armazém de secos e molhados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O semanário Desafio cumpriu um papel importante e hercúleo no estado de Alagoas: transformar parte de um estado sem hábito de leitura, de um país sem hábito de leitura, em uma comunidade de leitores que prezasse pelos valores do jornalismo investigativo e político. A quebra de expectativas geradas por suas charges, as longas linhas de suas reportagens e o

⁷ Espera-se que tal informação seja útil a futuros pesquisadores que possam, eventualmente, descobrir tais números.

tom seco e incisivo de suas perguntas em entrevistas jamais desapareceram da memória coletiva do jornalismo alagoano.

Apesar de todo esse legado, a história do Desafio arrisca morrer. As páginas restantes do semanário, preservadas no Arquivo Público de Alagoas, veem a luz do dia uma vez por semestre – nas mãos de um grupo de estudantes compondo um trabalho. Na internet, nenhum artigo a respeito do respeitável semanário. Nos demais acervos e bibliotecas, ausente.

É na memória das gerações de jornalistas que o semanário vive, e o trabalho escrito é necessário para garantir a sobrevivência desse importante pormenor do cotidiano alagoano. Seu legado de criar um jornalismo mais crítico e investigativo no estado já se esvaece. O armazém de secos e molhados nunca fechou suas portas – e agora talvez ela se feche, com todos nós do lado de dentro.

Se faz necessário conscientizar o acadêmico de jornalismo no sentido de trabalhar no resgate dos jornais alagoanos – e com isso aperfeiçoar o presente. A efemeridade da memória de um punhado de jornalistas que viveram o semanário não pode ser o único receptáculo desse importante episódio do jornalismo alagoano – que desafiou oligopólios e fortaleceu a democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho não é definitivo. A história do semanário Desafio, e dos diversos jornais que passaram pelo estado de Alagoas – proeminentemente no agreste, onde floresceram os mais diversos tipos de jornais – só pode ser preservada através de luta. Enquanto os grandes jornais nacionais, como Folha de S Paulo, O Globo e Estadão, utilizam-se de seus recursos para preservarem suas próprias histórias, os jornais que passaram na mão da maioria da população brasileira – pequenos, locais, mais diversos e menos padronizados – se despedaçam em museus ou sequer tem esse registro para chamar de seu.

A maior excelência do jornalismo é a crítica, e com crítica aprendemos lições como a do Desafio – que teve suas portas fechadas por um possível sufocamento repressivo devido ao monopólio de uma empresa do Estado sob sua produção. São importantes lições que o resgate da história acarreta, e essa é apenas uma das muitas que vieram e estão por vir.

REFERÊNCIAS

APA – Arquivo Público do Estado de Alagoas

PEREIRA DA SILVA, Sivaldo. *Um século em foco: análise morfológica do impresso alagoano no século XX*.

VASCONCELOS, Ruth. *O poder e a cultura de violência em Alagoas*. Edufal, 2005. 187 páginas. ISBN 8571772541.

História de Alagoas. *História da Imprensa Oficial em Alagoas*. 25 de fevereiro de 2016. <<https://www.historiadealagoas.com.br/historia-da-imprensa-oficial-em-alagoas.html>>. Acesso em 04/07/2019.

GAIA, R. Adolpho Emile Bois Garin: Vítima alagoana da perseguição à imprensa. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). *Imprensa Brasileira: Personagens que disseram história*. Vol. 1. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. P. 45 – 53.